

## O impasse entre o sujeito da psicanálise e o projeto naturalista em saúde mental

### The impasse between the subject of psychoanalysis and the naturalist project in mental health

### El impasse entre el sujeto del psicoanálisis y el proyecto naturalista en salud mental

DOI:10.34119/bjhrv8n1-437

Submitted: Jan 20<sup>th</sup>, 2025

Approved: Feb 10<sup>th</sup>, 2025

**Edson Rodrigues Neto**

Mestrando pelo Programa de Psicologia Clínica

Instituição: Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP)

Endereço: São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: erodriguesneto@gmail.com

**Maria Lívia Tourinho Moretto**

Doutora em Psicologia Clínica

Instituição: Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP)

Endereço: São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: liviamoretto@usp.br

### RESUMO

O artigo explora alguns impasses entre a psicanálise e o paradigma naturalista no campo da saúde mental. O paradigma naturalista compreende os transtornos mentais como disfunções orgânicas cerebrais. Isso implica que a subjetividade é entendida como um fenômeno individual e efeito neurobiológico. Em nome de uma interlocução entre campos do saber e melhor compreensão do sofrimento, tem-se verificado uma tentativa de aproximação entre neurociências e o conceito de sujeito da psicanálise. Entretanto, há um impasse importante à essa aproximação uma vez que sujeito para a psicanálise não pode ser confundido com indivíduo ou com interioridade. A metodologia utilizada foi uma revisão da literatura psicanalítica sobre o conceito de sujeito, considerando a influência da linguística estrutural e da matemática, especialmente a topologia. Como resultamos, verificamos que a psicanálise, particularmente com as contribuições de Jacques Lacan, desafia essa visão ao afirmar que o sujeito não é um fenômeno localizado no corpo, mas é constituído pela linguagem e pela interação com o Outro. Lacan formula tal conceito argumentando que ele é uma construção que emerge como efeito da cadeia de significantes que constitui a fala, mas é, ao mesmo tempo, fundamentalmente excêntrico a ela, funcionando como falta ou lacuna do discurso, impossível de ser representado. Nesse sentido, a subjetividade estaria intimamente ligada à linguagem e com o campo da alteridade que se constitui fora e é anterior ao nascimento de qualquer corpo biológico. Lacan utiliza conceitos topológicos, como o toro e o cross-cap, para formalizar a estrutura do sujeito, mostrando que a subjetividade não pode ser reduzida a uma estrutura biológica ou individual, mas está estrutural e continuamente ligada à alteridade.

**Palavras-chave:** sujeito, indivíduo, neurociências, linguagem, topologia.

## ABSTRACT

This article explores some impasses between psychoanalysis and the naturalist paradigm in the field of mental health. The naturalist paradigm understands mental disorders as organic brain dysfunctions. This implies that subjectivity is understood as an individual phenomenon and neurobiological effect. In the name of a dialogue between fields of knowledge and a better understanding of suffering, there has been an attempt to bring neurosciences and the concept of the subject of psychoanalysis closer together. However, there is an important impasse in this approach, since the subject for psychoanalysis cannot be confused with the individual or with interiority. The methodology used was a review of the psychoanalytic literature on the concept of subject, considering the influence of structural linguistics and mathematics, especially topology. As a result, we found that psychoanalysis, particularly with the contributions of Jacques Lacan, challenges this view by stating that the subject is not a phenomenon located in the body, but is constituted by language and interaction with the Other. Lacan formulates this concept by arguing that it is a construction that emerges as an effect of the chain of signifiers that constitutes speech, but is, at the same time, fundamentally eccentric to it, functioning as a lack or gap in discourse, impossible to be represented. In this sense, subjectivity would be intimately linked to language and to the field of otherness that is constituted outside and prior to the birth of any biological body. Lacan uses topological concepts, such as the torus and the cross-cap, to formalize the structure of the subject, showing that subjectivity cannot be reduced to a biological or individual structure, but is structurally and continually linked to otherness.

**Keywords:** subject, individual, neuroscience, language, topology.

## RESUMEN

El artículo explora algunos impasses entre el psicoanálisis y el paradigma naturalista en el campo de la salud mental. El paradigma naturalista entiende los trastornos mentales como disfunciones orgánicas del cerebro. Esto implica que la subjetividad se entiende como un fenómeno individual y un efecto neurobiológico. En nombre del diálogo entre campos de conocimiento y de una mejor comprensión del sufrimiento, se ha intentado acercar la neurociencia y el concepto de sujeto del psicoanálisis. Sin embargo, hay un impasse importante en este enfoque ya que, para el psicoanálisis, el sujeto no puede confundirse con el individuo ni con la interioridad. La metodología utilizada fue una revisión de la literatura psicoanalítica sobre el concepto de sujeto, considerando la influencia de la lingüística estructural y de las matemáticas, especialmente la topología. Como resultado, encontramos que el psicoanálisis, particularmente con los aportes de Jacques Lacan, desafía esta visión al afirmar que el sujeto no es un fenómeno ubicado en el cuerpo, sino que está constituido por el lenguaje y la interacción con el Otro. Lacan formula este concepto argumentando que se trata de una construcción que surge como efecto de la cadena de signficantes que constituye el habla, pero que es, al mismo tiempo, fundamentalmente excéntrica a ella, funcionando como una falta o brecha en el discurso, imposible de ser representada. En este sentido, la subjetividad estaría estrechamente ligada al lenguaje y al campo de la alteridad que se constituye fuera y antes del nacimiento de cualquier cuerpo biológico. Lacan utiliza conceptos topológicos, como el toro y el cross-cap, para formalizar la estructura del sujeto, mostrando que la subjetividad no puede reducirse a una estructura biológica o individual, sino que está estructural y continuamente vinculada a la alteridad.

**Palabras clave:** sujeto, individuo, neurociencia, lenguaje, topología.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde a década de 1970, temos assistido à hegemonia do paradigma naturalista dentro do campo da saúde mental. Os transtornos mentais passam a ser compreendidos como fenômenos psíquicos que encontram seu substrato no nível do organismo, mais especificamente do cérebro (GØTZSCHE, 2022). Embora considere efetivamente a influência de fatores ambientais e sócio-culturais, dentro desse paradigma tais fatores são compreendidos mais como elementos disparadores de uma cascata de eventos que se dá no âmbito dos neurônios e dos neurotransmissores. A disfunção orgânica que se deflagra configuraria, então, um transtorno mental. Com base nessa perspectiva, a maior parte das pesquisas tem buscado alcançar os mecanismos neurobiológicos e genéticos subjacentes aos transtornos, com o objetivo de aprimorar os diagnósticos bem como as terapias farmacológicas (MARTINHAGO & CAPONI, 2019).

Assim, esse paradigma carrega consigo o forte compromisso de que o transtorno mental é um fenômeno que pertence ao nível do indivíduo e do seu corpo biológico. Essa perspectiva de saúde mental comprehende a subjetividade como uma entidade contida e delimitada pelas fronteiras geográficas do corpo do indivíduo. As pacientes sofrem de forma mais ou menos parecida e regular, mas o fazem de forma individual, independente e autônoma. Disso decorre a ideia de que a subjetividade se torna sinônimo de "mente" e pertence ao mundo privado e interno do corpo individual de cada um (EIDELZSTEIN, 2008.).

Mesmo no campo da psicanálise, historicamente crítica à posição naturalista, temos visto diversos autores e uma importante bibliografia que buscam aproximar os avanços neurocientíficos e genéticos com o conceito de sujeito do inconsciente em nome de uma interlocução necessária entre os campos e uma melhor compreensão do sofrimento (DAVIDOVICH; WINOGRAD, 2010). Com a epigenética e a neuroplasticidade, estaríamos aptos a estabelecer a complexidade da interação entre os acontecimentos psíquicos e o substrato corporal orgânico. Assim, fatores orgânicos e os acidentes psicossociais da vida da pessoa se somariam para a formação do transtorno mental (Davidovich; Winograd, 2010).

Entretanto, o que chama a atenção dessa possibilidade de diálogo é justamente a manutenção da ideia de que o *sujeito* que padece do transtorno mental é correlato ao *indivíduo*. Embora as pesquisas sobre plasticidade e genética psiquiátrica tenham toda pertinência de existir e se legitimar no campo científico, o impasse segue sendo em relação ao objeto do estudo, uma vez que o fenômeno que se toma como individual e interno ao corpo orgânico de alguém não é assim fundamentado pela psicanálise. Nossa hipótese de trabalho se filia à

tradição de estudos que comprehende uma dificuldade de partida para a aproximação do campo psicanalítico e do naturalista, pois para a psicanálise o sujeito não é um fenômeno individual nem está "dentro" de ninguém.

Assim, com esse trabalho, buscarmos resgatar as contribuições do psicanalista Jacques Lacan à psicanálise e sua subversão da noção de sujeito do inconsciente. Tentaremos demonstrar como a fundamentação de sua noção de sujeito é incomensurável com o plano do indivíduo e inaugura uma experiência subjetiva que é indissociável da linguagem e do Outro, portanto que ultrapassa qualquer geografia de um organismo individual. Para isso, buscarmos resgatar o uso de que Lacan faz da linguística estrutural e da topologia para formalizar o conceito de sujeito do inconsciente, bem como de corpo e de objeto. Nesse sentido, o sujeito que buscarmos esboçar não se liga a aspectos individuais tampouco biológicos, sendo sempre um fato que se dá no laço social mediado pela linguagem.

## 2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura a respeito da noção de sujeito na obra do psicanalista Jacques Lacan, construída a partir da linguística estrutural e das matemáticas. Para isso, sistematizamos e analisamos textos, artigos científicos e livros que articulam a temática, fazendo uso de bases de dados (SIBiNET USP; BVS-Psi, BVS-Saúde; PePSIC; PsycINFO; PEP – Psychoanalytic Electronic Publishing; PubMed, SciELO - Scientific Electronic Library Online) e livros clássicos sobre a temática (catálogo virtual Dedalus, englobando o acervo das bibliotecas da Universidade de São Paulo).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira definição canônica que Lacan dá para sujeito é "o que um significante representa para um outro significante" (LACAN, 1998b). Assim, apoiando-se na linguística estrutural, Lacan localiza o sujeito num lugar vazio dentro da cadeia da fala, "o lugar do interdito, o intradito de um entre-dois-sujeitos" (LACAN, 1998c). Nesse sentido, o sujeito é efeito da articulação dos significantes, mas que, ao mesmo tempo, fica sempre excluído dela, porque está sempre no intervalo entre significantes. O sujeito é aquilo que produzido pela cadeia, é irrepresentável dentro dela mesma, é excêntrico em relação a essa rede (LACAN, 1998c). Daí, Sujeito barrado, sempre dividido entre pelo menos dois significantes.

Entretanto, para Lacan, o conjunto de significantes, ou tesouro de significantes, como chamará, compõe justamente o Outro enquanto lugar da linguagem. Lugar, nesse sentido, não se trata de posição geográfica, mas instância simbólica a quem um falante se dirige toda vez que enuncia algo (LACAN, 1998a). Assim, o sujeito se constitui justamente nos intervalos, no lugar vazio do Outro, ou seja, é forjado no seio do tesouro dos significantes, no coração mesmo do Outro enquanto lugar desse tesouro (LACAN, 1998c). Sua relação de origem é, desde o início, indissociável da alteridade e não pode ser isolada em nenhum ente individual.

Essa ideia já carrega em si toda proposta de uma subjetividade radicalmente dessubstancializada e, portanto, avessa a qualquer tentativa de ancoragem biológica individualista. O sujeito, como o descobriu Freud, não sabe que está falando. O sintoma, o chiste, o ato falho são as manifestações de um lugar que, a partir de uma mensagem direcionada a um outro, diz algo sem saber está dizendo. Há sujeito porque há fala e o problema se dá sempre entre dois, no inter. Mais rigorosamente, o sujeito só se constitui justamente porque falta ao Outro o significante que poderia dizer o que ele é e o que deseja. Trata-se de pensar por meio da linguística estrutural que ali onde o tesouro dos significantes do Outro se descompleta é que mora o sujeito; ali onde há falta no Outro é que nasce o sujeito.

O problema do sujeito é o próprio estatuto dessa relação intrínseca com o campo da linguagem, ou seja, com o campo do Outro. Se está no vazio dos intervalos, ao sujeito sempre lhe faltará um significante que o designe, pois qualquer tentativa de apreendê-lo só redobra o problema: ele cai novamente no intervalo (LACAN, 1998c).

A saída que resta ao sujeito é deixar de estar sempre no espaço vazio entre significantes e tentar se fixar em um. Ou seja, o sujeito nega sua origem buscando deixar de estar eternamente inefável no nada do entre dois significantes e se fixa naquele que será a marca da Onipotência do Outro, o Ideal do Eu, o traço unário do Outro que resgata o sujeito do nada deslizante na cadeia e o permite contar-se como Um (EIDELSZTEIN, 2021). Essa é a operação da identificação, a operação que permite ao sujeito produzir uma identidade que tentará igualar seu ser a um significante primeiro, a partir do qual ele poderá se contar agora pela cadeia significante.

Trata-se, claro, de um percurso lógico. Rigorosamente falando, não há sujeito antes dessa identificação primária (EIDELSZTEIN, 2021). É somente por meio disso que o sujeito ganha consistência no significante e pode, agora, criar uma versão sobre seu nascimento, uma retroversão de si mesmo, o que inclui, inclusive, a própria imagem de seu corpo, eu ideal. É dessa forma, então, que o sujeito forja para si a imagem de seu corpo a partir da imagem

especular do outro, o que, como sabemos, antecipa sua própria maturação orgânica. Sujeito e seu corpo fundados estruturalmente pelo significante.

Se a origem do sujeito está intimamente relacionada ao significante, Lacan busca, então, a própria origem do significante para formalizar seu sujeito. Assim, entram em cena, matemática, lógica e topologia. Numa visita ao Museu Saint-Germain em 1961, Lacan é inspirado por uma costela de um animal pré-histórico, sobre a qual foram inscritas marcas sucessivas em forma de pequenos traços (LACAN, 1962/2021). A série de bastões teria o objetivo de marcar a série de animais que foram abatidos, possibilitando que fossem enumerados. O traço, então, nasce como uma marca que se destaca de qualquer característica sensível da realidade ou qualquer fato empírico e serve apenas para enumerar a série de abates de animais. O primeiro traço não guarda nenhuma correlação com o primeiro abate, mas apenas o fato de ter sido o primeiro, o número 1 da série. Com os seguintes traços, a mesma coisa. Cada traço, então, funcionando exclusivamente para marcar a diferença entre cada evento. O segundo traço só existe para dizer que não é o primeiro nem o terceiro, assim sucessivamente. Assim, para Lacan, o traço é o que dá sustentação ao significante, é a entrada do simbólico no real, diferença pura que abre o real onde era pleno e sem fissura (LACAN, 1962/2021).

A partir disso, Lacan passa a articular o traço com o nascimento da escrita e, assim, com o próprio fundamento do significante. A sucessão (mais lógica do que cronológica) começa com o advento do signo. O signo é aquilo que representa uma coisa para alguém. A coisa ganha um desenho, ao qual atribuímos um som, o nome da coisa. Nesse sentido, o signo nomeia, por meio do som e do desenho, todo o diverso dos objetos que definidos a partir. O nome próprio surge como o segundo estágio, descoberta trazida pela decifração da Tábua de Roseta. Nesse caso, um signo – seu som e sua escrita – estão associados exclusivamente a uma única pessoa. Até aqui, a coisa mantém-se atrelada ao som de seu nome. Quando, então, a par desenho e seu som são utilizados, juntos a outros desenhos-sons, para a construção de novos sentidos, agora sem qualquer relação com os objetos iniciais que lhes deram origem, nasce o significante, cuja única definição possível será: aquilo que representa o sujeito a um outro significante (LACAN, 1962/2021). Aqui, então, Lacan articula significante à letra e à escrita. Trata-se da imagem acústica – o fonema, para ser preciso – atribuída a um elemento escrito, que se junta a outros fonemas com o objetivo de construir conceitos que nada têm a ver com os objetos que deram origem inicialmente à própria letra. Suportam o significante na condição de traço unário, enquanto escrita e enquanto pura diferença, apagamento de qualquer relação com o mundo real. Com esse percurso lógico, Lacan consegue uma reelaboração que justifica seu aforismo: o inconsciente estruturado como uma linguagem. Sublinhamos: estruturado como. Não se trata

de pensar o inconsciente em si como propriamente uma linguagem, mas como tendo a mesma estrutura que uma linguagem possui: som, escrita e diferença (LACAN, 1962/2021).

Se agora o significante tem como suporte o traço unário, Lacan dá um passo a mais e aproxima o significante ao número (LACAN, 1962/2021). O debate aqui se ampara nos estudos de Frege e Russel, matemáticos que buscaram formalizar o conceito de número pelo conceito de conjunto. Podemos, então, destacar duas consequências da aproximação entre número e significante. A primeira é sobre o estatuto da incompletude do Outro. Lacan conjectura que, se significante é número e a bateria de significantes, o Outro enquanto lugar da linguagem, puder ser tomada como um conjunto numérico, esse conjunto – portanto o Outro – será necessária e logicamente incompleto. Isso se deve ao famoso paradoxo de Russell. Sabemos que todo conjunto pode ter como elemento a si próprio, pode se conter dentro de si. Então, o exercício que Russel propõe é a construção de um conjunto de todos os conjuntos cuja característica é não conterem a si próprios, não terem a si mesmos como um elemento contido. O conjunto a ser construído, então, deveria ele se conter? Se não se contiver, cai em contradição com sua própria definição, pois se é o conjunto daqueles que não se contêm, deveria se conter. Por outro lado, se se contiver, também cai em contradição, pois pela definição não poderia se conter. Agora, o que interessa a Lacan é o conjunto de todos os conjuntos, o conjunto de todos os significantes (RONA, 2021). Esse conjunto de todos os conjuntos é possível? A resposta também cai no paradoxo. Fazendo o exercício de imaginar que esse conjunto do todo possa ser dividido em dois, sem sobra ou resto: primeiro, um subconjunto de todos os conjuntos que contêm a si mesmos; segundo, o subconjunto de todos os conjuntos que não contêm a si mesmos. Então, a pergunta: esse segundo subconjunto, que só contém conjuntos que não contêm a si mesmos, deverá conter si próprio? O paradoxo se atualiza dentro do todo (RONA, 2021). Lacan mostra assim que o Outro enquanto um conjunto, como um círculo que incluiria dentro de si todos os significantes, é necessariamente falso e paradoxal. Haverá sempre um significante que criará um impasse à tentativa de totalização. Justamente, o significante perdido do sujeito (LACAN, 1962/2021).

A segunda consequência da aproximação entre significante e número é a relação do sujeito enquanto raiz quadrada de menos 1 (LACAN, 1962/2021). Isso se decorre do fato de que, ao pensar o significante como número, podemos entender a cadeia significante como a sequência de todos os números, a sequência dos números reais. Mas se, como vimos, sujeito é aquilo que a cadeia significante produz, mas que jamais poderá se inscrever dentro dela, sujeito será o resultado de uma equação feita de números reais mas cujo resultado não pode encontrar seu próprio suporte dentro dessa sequência. Tomando a equação:  $x^2 + 1 = 0$ , teremos uma

precisamente uma sequência de números todos pertencentes ao grupo dos números reais, cujo resultado será raiz quadrada de menos 1, um número imaginário, sem representação dentro dos números reais.

Com esses dois desenvolvimentos lógico-matemáticos, a incompletude do Outro e a existência do sujeito em relação à cadeia significante ganham uma nova formalização (LACAN, 1962/2021). Por meio da matemática, redobramos a aposta na direção da dessubstancialização e desbiologização do sujeito e na impossibilidade de estabelecer a total separação entre sujeito e Outro, entre ser e linguagem (EIDELSZTEIN, 2021). Para que esse passo seja dado em toda a sua radicalidade, entrará em cena a topologia.

É na estrutura do toro que o sujeito enquanto esse impossível foracuído do sistema, mas advindo dele, encontra, agora, suporte (LACAN, 1962/2021). Em topologia, a superfície tórica é gerada a partir da revolução de uma circunferência em torno de um eixo central, formando uma superfície fechada com um buraco central no meio, como uma boia ou a câmara de um pneu (CHAPUIS, 2019). Ela possui a estrutura necessária para a formalização do sujeito enquanto excluído da própria conta ao mesmo tempo em que diretamente enlaçado ao Outro.

Isso é possível pois Lacan equivale a cadeia significante sob a forma da Demanda do sujeito aos círculos – mais precisamente, aos laços – que como uma bobina vão se repetindo e tecendo a superfície tórica até se fecharem sobre si (LACAN, 1962/2021). Voltas que se repetem mas que, como o traço unário, se diferenciam e se singularizam frente à sua própria repetição. Anéis cujo colar que se fecha anel de um outro colar feito de anéis. Com essa estrutura topológica da cadeia, podemos reapreender o engano matemático do sujeito. Uma vez identificado ao traço unário que o permite se contar a partir dos significantes, o sujeito se conta a partir das voltas da Demanda mas se engana em uma volta: a volta que deu a mais e que forma o buraco central do toro (LACAN, 1962/2021). Como se fôssemos contar o número de voltas que a Terra dá em 1 ano, contássemos 365, mas esquecendo de 1 volta: a que ela completa ao redor do Sol. Sujeito produto da conta onde não me conto, criado da sequência da qual me excluo e que me torna impronunciável.

O interesse na superfície tórica também se dá na criação desse vazio central que surge como um rebento a partir das voltas da cadeia significante, desenhando a borda daquilo que será o lugar do objeto do desejo, objeto a (LACAN, 1962/2021). Isso permitirá a Lacan, então, estruturar topologicamente o enlaçamento do sujeito com o Outro, na medida em que, como efeito da estrutura do toro, o sujeito coloca no buraco central do objeto a, as Demandas do Outro, formando a figura dos dois toros abraçados. Com isso, estruturamos topologicamente o

impasse do sujeito de tentar dar conta da falta do Outro, pois o próprio vazio de objeto é efeito da impossibilidade do Outro para responder à Demanda (LACAN, 1962/2021).

Vale ressaltar que, do ponto de vista estritamente topológico, um toro pode plenamente existir sozinho, sem o enlaçamento com outro toro (EIDELSZTEIN, 2006). Mas aqui se busca fundamentar de maneira matemática a impossibilidade de sobrepor sujeito a indivíduo, em outras palavras, a indissociação radical entre sujeito e Outro – a *imisção de Outridade* (EIDELSZTEIN, 2006)

É importante observar que com o toro e seu enlaçamento, Lacan formaliza dois momentos lógicos da constituição subjetiva: tanto a estrutura do sujeito barrado quanto a sua dependência ao Outro na relação do desejo com a Demanda (EIDELSZTEIN, 2006). Ou seja, trata-se do engodo do sujeito que, nascido no seio da falta no Outro, busca responder ao problema do seu desejo fixando um objeto imaginário da Demanda do Outro. Essa é justamente a posição fantasmática (LACAN, 1962/2021). Diante do risco de se apagar frente ao significante, o sujeito se agarra e se fixa num objeto imaginário que possa garantir sua existência enquanto sujeito desejante.

Mas o que se busca insistir é que o objeto imaginário da Demanda esconde atrás de si o problema fundamental do sujeito: o objeto a, vazio central que fundamenta seu desejo (LACAN, 1962/2021). É para dar conta do problema do estatuto do objeto que Lacan avança sobre a superfície do cross-cap.

O cross-cap é uma representação tridimensional do plano projetivo (EIDELSZTEIN, 2006). Trata-se de uma figura topológica fechada e sem bordas que Lacan apresenta para mostrar a estrutura do fantasma, a relação do sujeito barrado com o objeto a (LACAN, 1962/2021). A construção do cross-cap pode ser feita a partir de uma esfera com um furo, cujas bordas são costuradas de forma invertida, cada ponto sendo ligado ao ponto diametralmente oposto. Assim, a superfície se constitui a partir de uma parte ovoide e uma parte que atravessa e interpenetra a si mesma. Outra forma de se construir o cross-cap, talvez mais palatável à nossa intuição, seja costurar as bordas de um círculo ou uma semiesfera a uma banda de Möbius, a superfície torcida que apresenta apenas um único lado e uma única borda. Banda de Möbius e círculo são, no fantasma, a estrutura do sujeito barrado, e do objeto a, respectivamente (CHAPUIS, 2019).

Vale ressaltar que o cross-cap não pode ser, de fato, construído num espaço tridimensional porque a costura dessas bordas implica que a superfície se interpenetre, o que é impossível no mundo material tridimensional. Mas o que se destaca dessa região que se

autoatravessa é que ela consegue ligar o “dentro” e o “fora” da superfície sem nunca cruzar nenhuma borda.

O uso topológico que Lacan faz do cross-cap é justamente para estabelecer a constituição fundamental do fantasma e da construção da realidade para o sujeito (EIDELZSTEIN, 2006). O cross-cap possui uma característica muito peculiar: ele não pode ser especularizável. Quando um objeto é posto diante de um espelho, sua imagem possui características simétricas e opostas às do objeto, direita e esquerda se invertem. No entanto, quando o cross-cap é confrontado com o espelho sua estrutura de auto-atravessamento faz com que a imagem não seja especular, não seja invertida, mas absolutamente idêntica e, portanto, sobreponível ao objeto de que partimos (LACAN, 1962/2021). Aqui, trata-se de uma propriedade topológica da figura, algo que nossa intuição comum pode resistir a apreender num primeiro momento.

Se o cross-cap trata da relação fantasmática do sujeito com o objeto do desejo, o que podemos depreender é que sua resistência à especularização faz do objeto do desejo um objeto impossível de ser encontrado na representação dos objetos imaginários, inclusive do próprio corpo. A imagem que o sujeito constrói de si a partir do olhar do Outro terá uma hiância fundamental que constitui o buraco de uma perda central, o elemento que cai e descompleta a estrutura (LACAN, 1962/2021). O sujeito, marcado pelo traço unário, constitui a imagem de seu corpo no engodo da identificação especular, mas oculta, atrás dessa imagem de si, a relação com o objeto do seu desejo.

Além disso, atestar que o sujeito possui estrutura de banda de Moebius é uma forma topológica de justificar axiomas fundamentais de sua obra, como "o inconsciente está estruturado como uma linguagem", "o inconsciente é o discurso do Outro", "o desejo do homem é o desejo do Outro", "a angústia é a sensação do desejo do Outro", "o sintoma é o significado do Outro" (EIDELZSTEIN TOPOLOGIA). Pela superfície da banda, entendemos que é impossível a divisão entre o que é o sujeito e o Outro. Se o inconsciente é estruturado como uma linguagem e é o discurso do Outro, o cross-cap vem mostrar como o que está aparentemente instalado fora é incorporado àquilo que é apreendido como dentro. Além disso, o próprio objeto a surge também como nem interno nem externo ao sujeito, não pertence a ele nem ao Outro, mas apenas existindo na interpenetração dos respectivos campos (EIDELZSTEIN, 2006).

É nesse sentido que podemos entender como o corpo, para a psicanálise, não é fundado na biologia, mas sim pela linguagem. Para Lacan, o significante faz o corpo, e não o contrário. O corpo simbólico faz o corpo biológico por se incorporar neste. O conceito de pulsão pode

elucidar essa relação. A criança que chora não possui nenhuma intencionalidade nem qualquer sentido em seu ato. É a mãe, enquanto primeiro Outro do bebê, que dá nome e sentido ao choro. Ali onde haveria uma necessidade mítica, agora o Outro introduz a Demanda por meio do significante e o matema da pulsão se constitui como sujeito barrado em relação à D maiúsculo. Assim, por meio da Demanda, o sujeito se aliena irrevogavelmente na linguagem e no campo do Outro, que passa não apenas a ressignificar tudo aquilo que, antes, era corpo biológico, mas subverte a própria organicidade, colocando o biológico à serviço da linguagem. A linguagem determina o lugar da biologia, o pênis nunca pode ser o suporte natural do falo, mas é o significante fálico que, produzindo um corpo, encontra no pênis a sua versão imaginária.

Vale insistir que, para Lacan, não se trata de negar a existência mesma do corpo biológico, mas de atestar que para a psicanálise não é a ele que nos referimos quando falamos de pulsão, desejo, objeto etc.

Isso também não implica que não há real quando falamos de corpo. Novamente, não se trata de um “corpo real” anterior à linguagem ou que coabita o corpo simbólico- imaginário. É com a invenção do objeto a, através da topologia do toro e do cross-cap, que podemos alcançar algo do corpo real (GARCIA, 2016). Surgindo a partir do nada central engendrado pelas voltas da demanda, o objeto a é o resto impossível de corpo, aquilo que cai do Outro, descompleta sua estrutura e se recusa a ser visto no espelho. O real, aqui, é o que surge como impossível dentro das coordenadas do possível fornecidas pelo simbólico e imaginário. O corpo real é o impossível de se apreender no campo do significante, o furo no simbólico. Não se tratam de objetos que pertencem ao sujeito, mas pertencem ao seu corpo justamente por surgirem a partir dos furos do Outro.

#### 4 CONCLUSÃO

Com isso, o que Lacan buscou confrontar é a noção de “indivíduo” enquanto uma esfera, uma unidade fechada, tal como uma célula na biologia ou o próprio corpo anatômico, imersa no mundo circundante e dele separada por uma membrana de proteção. Ou mais modernamente, um cérebro interior que está em relação com o mundo exterior. A topologia de Lacan busca precisamente contradizer esse paradigma e radicalizar sua perspectiva anti-individualista e anti-biologicista. Assim como vimos na constituição do sujeito enlaçado ao Outro, mundo “interno” do sujeito e mundo “externo” do Outro são estruturados em plena continuidade, sem nunca ser possível se estabelecer seus limites. Neologismos como “extimidade” e “internidade” respondem a esse modelo teórico.

Sujeito barrado, sujeito no interdito, significante como número, sujeito raiz de menos um, enlaçamento dos toros, objeto a não-especularizável: todos conceitos que parecem resistir fortemente a qualquer forma de biologização e individualização.

## REFERÊNCIAS

CHAPUIS, Jorge. **Guia topológico para o aturdido: um abuso imaginário e seu além.** São Paulo: Aller, 2019.

DAVIDOVICH, Marcia Moraes; WINOGRAD, Monah. PSICANÁLISE e NEUROCIÊNCIAS: um mapa dos debates. **Psicologia em Estudo.** Maringá, v. 15, n. 4, p. 801-809, out./dez. 2010

EIDELSZTEIN, Alfredo. **La topología en la clínica psicoanalítica.** Buenos Aires: Letra Viva, 2006.

EIDELSZTEIN, Alfredo. **O grafo do desejo.** São Paulo: Editora Toro, 2021.

GARCIA, Luiz Fernando Botto. **Despertar do real: a invenção do objeto a.** 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GØTZSCHE, Peter J. **Critical Psychiatry Textbook.** Copenhagen: Institute for Scientific Freedom, 2022.

LACAN, Jacques. **A identificação: seminário 1961-1962.** Recife: CEF - Centros de Estudos Freudianos do Recife, 2021. Publicação não comercial.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

LACAN, Jacques. **Posição do inconsciente.** In: \_\_\_\_\_. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

LACAN, Jacques. **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano.** In: \_\_\_\_\_. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998c.

MARTINHAGO, F.; CAPONI, S. **Controvérsias sobre o uso do DSM para diagnósticos de transtornos mentais.** Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, e290213, 2019.

RONA, Paulo Marcos. **O significante, o conjunto e o número: a topologia na psicanálise de Jacques Lacan.** 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2021.